**Retórica**

 A retórica do locutor esportivo é trabalhada por amplificações. Existe então um procedimento retórico em que ele faz toda uma comparação, como por exemplo “atirou-se como um leão”. Todo o universo retórico dele é **teratológico**em que ele repete, o torcedor conhece os ditos que usa e que ele vai repetindo. Ele faz então, nesse momento, uma redução retórica de tudo aquilo que qualifica o comando e eles passam a conhecer o Túlio, não como Túlio, mas como Túlio Maravilha. E vem os “bad boys”, todas aquelas qualificações que se fazem. Isso cria um campo de experiência entre o torcedor e o narrador (locutor), que vai fazer com que ele se reconheça imediatamente.

 O primeiro ponto de alta importância é a presença do narrador usando a linguagem mais coloquial e mais antiga, que é o resgate da comunicação oral. E o rádio tem esse elemento de grande importância porque ele resgata praticamente o primórdio da civilização a forma de contar, a forma de narrar e a forma de interpretar o fato. O torcedor necessita de ouvir as glórias, assim como, num determinado momento você tem nos velórios as carpideiras que são pagas para chorar diante do defunto, fazendo com que a família chore também, você tem o locutor que vai fazer com que a emoção se multiplique a partir das comparações e das coisas que ele faz, quer dizer, muitas vezes, ele trabalha no plano ficcional. Aquilo não é a realidade. Você vê a bola para um lado e outro e ele já está como quase gol. E isso não acontece só no futebol, vejamos como se transforma um espetáculo algo que é extremamente repetitivo que é uma corrida de fórmula um. O narrador começou a trabalhar de uma forma que acabou estabelecendo uma interpretação do fato, tornando o fato esteticamente consumível. Como ele usa um instrumento oral ele vai amplificando retoricamente o fato. Em determinados momentos ele chega a uma amplificação tão grande que ele parte para o fenômeno da transfiguração. Ele passa a enxergar coisas que não tem e na cabeça do torcedor, que está ouvindo, todo o seu imaginário é remexido.

 É como se ele contasse uma história para uma criança e a criança fosse criando na cabeça o lobo mau, a vovó. Para aquele torcedor fanático, todo aquele elemento narrado cria em seu interior a sensação de estar vencendo junto com o que fez o gol ou perdendo junto.

Você tem alguns fenômenos que você vai buscar em Aristóteles depois Barthes. O primeiro é o da amplificação e redução. O segundo fenômeno é a transfiguração, que depois vai ser utilizada por Walter Lippmann num texto que se chama “Estereótipos”, onde é trabalhado todo um processo de redução a uma determinada coisa. Então, um jogador deixa de ser jogador para ser uma categoria específica, quer dizer, aquele é maravilha, sempre um adjetivo qualificador que é um instrumento retórico. E esse jogador passa a ser visto pelo seu quali-signo, pelo signo de competência. Dentro da primeira idade do signo ele passa a ser reconhecido pelo que ele tem de bom e de mal. À medida em que ele vai tendo isso amplificado pelo rádio, isso se torna virtual na cabeça do torcedor.

 O que não acontece com a televisão, porque ela vai mostrar o fato real. O rádio permite, como bem usa McLuhan, como meio quente, permite a contribuição do torcedor aqueles elementos. Então ele vai criar um vocabulário próprio e nesse vocabulário existem todas as repercussões. Vai criar frases, que são slogans desde Ari Barroso, e vai permitir a identificação do torcedor porque o rádio acaba não permitindo que o locutor não se coloque. Então, se ele é torcedor de um determinado time ele não permite frieza informacional da notícia. Não existe ética ou decantação. O processo é da paixão. O torcedor de determinado time vai escolher determinado narrador em que ele vai encontrar o seu espelho.

**Narração cantando**

 Retoricamente ele já tem um elemento que foi criado, que seria o estilema, que o Umberto Eco fala. O estilema do discurso, quer dizer, a maneira com que cada um fala, mas que praticamente todas as pessoas amam. Você vai ver que cada esporte vai ter um estilo de narração. O esporte tem um estilema que caminha para o espetacular. Consequentemente existe uma música, um gênero que é ajustada para cada tipo de esporte. Cada esporte tem a sua linguagem.

**Épico**

 Existe dentro da música. O esporte é um jogo, existe a lealdade do torcedor (o Rosenger vai trabalhar em cima disso), mas existe nesse elemento primitivo. Se você pegar o rádio a partir de 22 e dos anos 30, com um discurso empolado. O esporte não perdeu essa característica.

O rádio atingiu o coloquial mas o esporte, na hora da narrativa, ele cria uma escola de grandes locutores que foi passando para os outros e passou a ser igual regras de balé quando o menino aprende a  narrar futebol já aprende com a musicalidade. O improviso está justamente em como ele narra o gol.

Os anos 40 e 50

Rádio Nacional

 A paixão é o elemento principal da narrativa. É ela que estabelece o plano retórico. Aristóteles trabalha sempre com silogismo.

 Já o futebol trabalha dentro da retórica com os exemplos. Por isso que o narrador sempre estará dependendo de uma forma exemplificadora. Ele sempre dá um exemplo. Ele tem uma estrutura pedagógica.